

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

AMANDA CRISTINA LOPES SARMENTO

CORPO, IMAGEM E ESPAÇO:
UMA ANÁLISE SOBRE O PROJETO FOTOGRÁFICO “MENINA MULHER DA PELE
PRETA”

Seropédica - RJ
2019

AMANDA CRISTINA LOPES SARMENTO

CORPO, IMAGEM E ESPAÇO:
UMA ANÁLISE SOBRE O PROJETO FOTOGRÁFICO “MENINA MULHER DA PELE
PRETA”

Monografia do Curso de Ciências Sociais
da Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de
Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Luena Nascimento Nunes Pereira

Seropédica - RJ
2019

CORPO, IMAGEM E ESPAÇO:
UMA ANÁLISE SOBRE O PROJETO FOTOGRÁFICO “MENINA MULHER DA PELE PRETA”

Monografia do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Luena Nascimento Nunes Pereira (DCS/ICHS/UFRRJ)

Amanda Cristina Lopes Sarmiento

Monografia aprovada em _____ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dr^a. Luena Nascimento Nunes Pereira (DCS/UFRRJ) (Orientadora)

Profa. Dr^a. Patrícia Reinheimer (DCS/UFRRJ)

Em memória ao meu avô, Antônio Carlos Lopes. A todas as mulheres negras que me cercam. Sendo elas intelectuais ou não, sempre tem algo a me ensinar. Minha avó, minha mãe, minhas tias, minhas irmãs. E a Deus que me deu o dom de enxergar arte e ciência em tudo.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos primeiramente aos meus pais que sempre se preocuparam em me fornecer uma educação de qualidade, sempre me dizendo o quanto eu podia ser inteligente e chegar aonde eu quisesse. A minha avó, Idieda, por cuidar de mim nessas idas e vindas de Seropédica para casa. E a toda a minha família, que entendeu minha ausência e torceu por mim durante toda a graduação. Também quero agradecer a toda família que eu criei nessa aventura que foi morar no alojamento, todas as meninas do F4-106, e todos os amigos da turma 2014.2. As irmãs de coração que eu fiz, Talita Pires, Juliana Frazão, Alice Vieira, Nicole Coelho. Agradecer a Lene Gil que cuidou de mim como uma mãe cuida de um filho e topou fazer o projeto que resultou nessa pesquisa. A Luena Nascimento que me fez abrir os olhos para a intelectual que existia dentro de mim, e me deu muitas oportunidades de crescer academicamente. E a todas as meninas participantes do projeto “Menina mulher da pele preta”. Essa pesquisa é para vocês e por vocês.

“Eu sou um corpo, um ser, um corpo só.
Tem cor, tem corte,
e a história do meu lugar.”

(LUEDJI LUNA. Um corpo no mundo. Bahia. YB Music. 2017)

Resumo

SARMENTO, Amanda C. Lopes. CORPO, IMAGEM E ESPAÇO: Uma análise sobre o projeto fotográfico “Menina mulher da pele preta”. Departamento de Ciências Sociais. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ. 2019.

A pesquisa: Corpo, imagem e espaço: uma análise sobre o projeto fotográfico “Menina mulher da pele preta”, propõe analisar antropologicamente os efeitos que este projeto causou na corporeidade das mulheres negras, estudantes da UFRRJ, e como a partir disso foi possível ressignificar narrativas sobre a imagem da mulher negra, e criar novas territorialidades e espaços dentro da própria universidade. Passando pela discussão de como se desenvolve a corporeidade da mulher negra e como as imagens usadas ao longo da história para representar essa mulher afetam nesse desenvolvimento. E de que maneira os espaços são cedidos e tomados por essas mulheres. A análise é feita a partir de uma etnografia feita por observação participante do próprio projeto, concluindo ao final que novos espaços de luta podem ser criados e fortificados quando novas narrativas são produzidas a partir da reconstrução da imagem, representação e corporeidade de mulheres negras.

Palavras-chave: Corporeidade. Imagem. Territorialidade. Mulher negra.

Abstract

SARMENTO, Amanda C. Lopes. BODY, IMAGE AND SPACE: An analysis of the photographic project "Menina mulher da pele preta". Department of Social Sciences. Institute of Human and Social Sciences. Federal Rural University of Rio de Janeiro. Seropédica, RJ. 2019.

The research: Body, image and space: an analysis of the photographic project "Menina mulher da pele preta", proposes to analyze anthropologically the effects that this project caused in the corporeity of black women, students of the UFRRJ, and how from that it was possible to resignify narratives about the image of the black woman, and create new territorialities and spaces within the university itself. Going through the discussion of how the black woman's corporeality develops and how the images used throughout history to represent this woman affect in this development. And in what manner the spaces are given and taken by these women. The analysis is done from an ethnography made by participant observation of the project, concluding at the end that new spaces of struggle can be created and fortified when new narratives are produced from the reconstruction of the image, representation and corporeity of black women.

Key words: Corporeity. Image. Territoriality. Black woman.

Sumário

Introdução	1
1.Etnografia	3
1.1. O nascer da ideia	3
1.2. Primeiras Sessões	5
1.3. Identificação	8
1.4. Organização	11
1.5. O reflexo da imagem	13
2. Corporeidade e imagem	14
2.1. Novas narrativas	23
3. Territorialidade, o espaço que o corpo da mulher negra ocupa	27
Conclusão	36
Bibliografia	37

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata do tema “Corpo, imagem e espaço: Uma análise sobre o projeto fotográfico “Menina mulher da pele preta”. A proposta é analisar antropologicamente os efeitos que o projeto fotográfico gerou nas participantes, passando pela discussão sobre corporeidade, imagem e territorialidade. Refletir como representações das imagens sobre o corpo da mulher negra afetam sua corporeidade, e com isso trazer o questionamento sobre como esse corpo se coloca nos diferentes espaços que perpassa e ocupa. Considerar que a partir da mudança das representações atualmente têm surgido meios de construção de novos elementos de negociação do espaço, a partir das representações elaboradas nos territórios tradicionais de representação. Percebe-se que há uma reivindicação do espaço por parte da juventude atual, surgindo então, a partir disso, novas narrativas que dão um novo significado aos referenciais simbólicos e estéticos através da arte, da música, do audiovisual, e da internet.

No primeiro capítulo comento a etnografia do projeto “Menina mulher da pele preta” mostrando como foi o processo de toda a construção do projeto, a escolha das participantes, as sessões de fotográfica, e exposição, e no final, a criação do primeiro coletivo de mulheres negras da UFRRJ. Procuro apresentar e analisar a etnografia e posteriormente retornar a ela a cada discussão nos capítulos seguintes.

Uso da discussão sobre corporeidade e imagem para analisar como o processo de ser fotografada e poder ver uma nova imagem de si, afetou a maneira como esses corpos se colocavam dentro do ambiente acadêmico. A discussão de territorialidade foi acionada para explicar como o projeto serviu como uma forma de recriar um espaço de mulheres negras dentro da Universidade Rural e uma rede de apoio entre as meninas que participaram do projeto, que mais tarde veio a se dar em forma de coletivo.

No segundo capítulo, o debate gira em torno da corporeidade e sobre como que os sistemas de representação que estabelecem e instituem as diferenças, afetam a relação do corpo do sujeito com o mundo e consequentemente sua identidade. A seguir ingresso pela discussão sobre como as marcações de diferença atuam tanto no processo de classificação como no processo simbólico de representação, e como esse processo de conscientização da diferença, que ocorre já na infância, influencia a corporeidade das mulheres negras. Entro depois, na discussão de como a mídia tem

papel principal na difusão de estereótipos sobre a imagem da mulher negra e como isso afeta o jeito que essa mulher se vê e se coloca no mundo. A seguir, relaciono o corpo e imagem à construção de identidade, que reflete a busca por visibilidade.

Chegando enfim à discussão de como as mulheres negras jovens fazem um trabalho de resignificação desse espaço e do direito de se representar, descolonizando o pensamento e o corpo e descentralizando a ideia de um padrão hegemônico.

No terceiro capítulo, levanto discussões sobre os conceitos de territorialidade e de espaço. O debate abordado é a realocação do povo negro em determinados espaços em todo o decorrer da história da população negra no Brasil, e como sua luta pela negociação e resignificação desses espaços e territórios age diretamente na formação de sua identidade como pessoa. Falo mais especificamente dos movimentos sociais de resistência negra como um dos autores principais desses processos de construção de territorialidade e identidade negra principalmente na área da educação, e quando cito educação, quero falar da luta do movimento negro para ocupar os espaços das universidades brasileiras. A mulher negra entra nesta história resignificando o seu espaço dentro do próprio movimento negro, reivindicando e questionando o lugar do gênero no movimento negro, desvinculando-se e descentrando-se da figura masculina, e o lugar da raça no feminismo, tirando do centro a ideia de mulher unitária, e reivindicando as discussões de suas questões nesse espaço

A metodologia usada neste trabalho foi a observação participante de cada fenômeno ocorrido durante o projeto fotográfico, possibilitando a criação desta etnografia e sua análise antropológica.

1.ETNOGRAFIA

Essa monografia trata da etnografia de um projeto fotográfico chamado “Menina mulher da pele preta”. O resultado deste projeto foi uma exposição, que aconteceu na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRRJ). Participaram deste projeto 30 mulheres negras, dentre elas, 29 estudantes da universidade (inclusive eu) e 1 moradora no município de Seropédica. A idade dessas mulheres é de 18 a 30 anos.

O projeto que resultou em uma exposição, aconteceu ao longo do mês de agosto de 2015. Considerando que a proposta desta monografia é a etnografia de um projeto idealizado por mim, minhas visões e análises estarão entrelaçadas também com as sensações e emoções que senti na época.

1.1.O nascer da ideia

Menina Mulher da pele preta foi um projeto fotográfico autônomo desenvolvido em 2015 por mim e por uma colega do curso de Ciências Sociais, Lene Gil. A ideia central era fazer uma exposição fotográfica em que as fotos mostrassem rostos e expressões de diferentes mulheres negras. O objetivo do projeto girava em torno de fazer-las se enxergarem de uma outra forma, longe dos estereótipos usados para representar sua imagem, longe da falta de representação de nossas imagens na TV, nas revistas de moda, fazer-las se enxergar como protagonistas dessa exposição, como modelos, terem seus rostos expostos de maneira artística ressaltando sua beleza. Em 2015, no início da minha graduação, um dos assuntos mais discutidos entre a juventude negra, principalmente entre as mulheres, era expressão estética negra. Aquele momento em 2015, foi um período que se falava muito sobre beleza negra, sobre assumir o cabelo natural, sobre questionar o modo que as pessoas negras estavam sendo representadas na televisão, no cinema, nas revistas, etc.

Então, quando pensei nesse projeto, pensei em trazer para as mulheres negras essa visibilidade, uma exposição apenas com rostos negros, mulheres negras ali representadas a sua forma, por elas mesmas. Minha intenção era que as mulheres negras pudessem ver que nelas também existia beleza, mesmo que o padrão fosse

outro, o centrado na estética branca e ocidental, saber como as mulheres negras¹ pensavam a própria beleza, a própria estética. Acredito eu, que, para a mulher negra a maneira como que sua beleza e estética é vista por ela mesma e por outros abre caminho para diversas reflexões sobre como se dão as relações raciais no Brasil.

Então foi quando tudo começou. Iríamos produzi-las, improvisar um estúdio e fotografa-las, e no final de todo esse processo, fazer uma exposição com as fotos na própria universidade.

Discutimos como o projeto sairia do campo das ideias, primeiramente passando ele para o papel, depois tirando do papel e fazendo acontecer. Foi então quando eu e Lene, elaboramos um levantamento de todo o material que iríamos precisar e de como seria a seleção dessas meninas. A seleção foi feita através de uma postagem em um grupo do Facebook que serve como meio de comunicação entre toda a comunidade de estudantes da Universidade Rural do Rio de Janeiro (Rural), e entre a cidade de Seropédica também. Na postagem escrevi do que se tratava o projeto e perguntei quem gostaria de participar. De maneira não esperada o número de mulheres interessadas, ultrapassou as expectativas. Assim resolvemos escolher as primeiras trinta mulheres que haviam postado seu interesse.

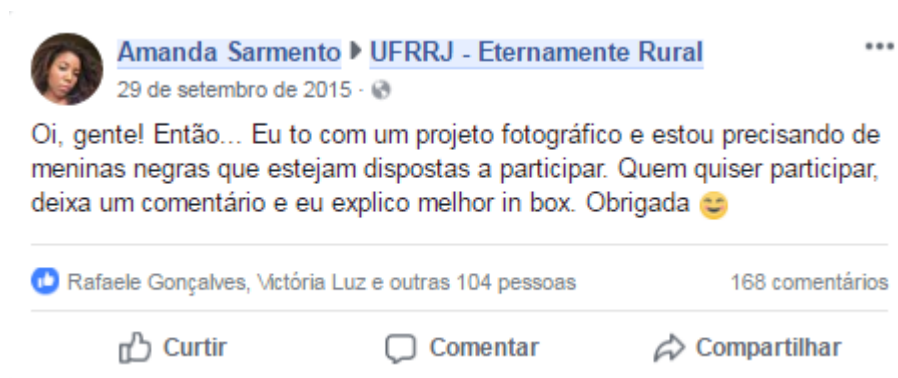


Figura 1: Print retirado no grupo "Eternamente Rural" no Facebook

A mulheres que foram selecionadas para o projeto eram jovens de 18 a 30 anos. Conversamos pela internet, com cada mulher escolhida, explicamos como seria feito o processo e marcamos o dia para fazer as fotos. As fotos foram feitas em duas semanas, em um estúdio improvisado dentro de um dos quartos do alojamento

¹Não pretendo nessa pesquisa falar da mulher negra como uma entidade homogênea e universal. Entendo que todas as mulheres negras são diferentes, e suas especificidades giram em torno do contexto aonde vivem. Quando falo "mulheres negras" nesta pesquisa, me refiro as mulheres participantes do projeto fotográfico as quais falarei mais detalhadamente ao longo da pesquisa.

estudantil que fica dentro dos campos da UFRRJ. As modelos foram divididas em grupos de cinco a seis mulheres, cada dia um grupo iria até o “estúdio” fotografar, todas elas assinaram um termo de compromisso de autorização de imagem. Um amigo nos emprestou a câmera fotográfica, que era uma câmera semiprofissional, usamos uma luminária para fazer a luz, tínhamos pouco conhecimento sobre técnicas fotográficas, tudo foi feito de maneira amadora.

1.2. Primeiras sessões

Depois de vários dias combinando e acertando horários com as participantes via internet, finalmente chegou o dia que tínhamos marcado para fotografar, o primeiro grupo de modelos chegou, algumas estavam tímidas, outras mais extrovertidas, todas estavam animadas para fazer as fotos.

É importante ressaltar que conhecia poucas das mulheres participantes do projeto, a maioria era desconhecida para mim, muitas delas também não se conheciam. No decorrer do processo de fotografia algumas das fotos eram feitas em grupos, outras com apenas uma modelo, as meninas iam se conhecendo, conversando, trocando experiências enquanto se ajudavam na maquiagem, no cabelo.

Presenciei e participei de diversas conversas entre um intervalo e outro enquanto fotografava, eu e Lene dividíamos essa função da fotografia. Notei nessas conversas que apesar de não conhecer a maioria das meninas que estavam presentes, tínhamos muitas coisas em comum. Assuntos como cuidados com os cabelos na infância, como todo o processo de pentear os cabelos crespos para ir para a escola, desembaraçar, trançar, prender, todo esse procedimento que era feito por nossas mães. E também todo o desejo de ter o cabelo liso. Algumas das mães não tinham paciência para pentear o cabelo durante a infância de algumas das meninas e acabavam alisando, relaxando ou fazendo outros procedimentos químicos para domar o cabelo crespo. Por essa razão muitas meninas na época do projeto estavam passando pela transição capilar², e o cabelo acabava sempre sendo a grande questão, algumas das meninas usavam tranças o que ajudava a passar por esse período de

² Transição do cabelo quimicamente tratado para o cabelo natural. É o período em que se deixa o cabelo natural crescer da raiz até que atinja um comprimento ideal para o chamado *big chop* (ou BC), que significa: grande corte, que retira todas as pontas lisas, deixando o cabelo totalmente natural e sem química.

forma mais fácil. Também falávamos sobre o desafio que era a vida acadêmica sendo mulher negra, muitas das participantes já tinham enfrentado casos de racismo dentro da universidade. Todos esses assuntos se desenrolavam de maneira parecida, notei que tínhamos muitas vivências semelhantes. Todo esse processo de fazer as fotos de maneira improvisada nos ajudou a nos conhecermos melhor, pois enquanto uma estava posando para a foto, outras estavam ajudando em um outro procedimento, como na maquiagem, na troca de roupas, no cabelo. Algumas das meninas levaram maquiagens, acessórios, etc. Tornando possível uma maior produção e interação.



Figura 2: Juliana, moradora do alojamento onde era o estúdio, maquiando uma das participantes antes de ser fotografada. (Foto: Amanda Sarmento)

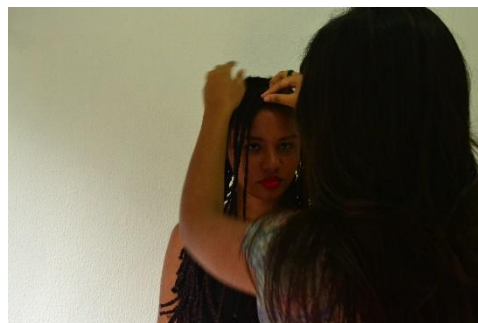


Figura 3: Retoque do cabelo na hora da fotografia. (Foto: Amanda Sarmento)

A maioria das meninas quando chegava a sua hora de ser fotografada, demonstrava muita timidez e até um certo desconforto. Cada sessão individual que fazíamos resultava em cerca de 40 fotos por mulher, porque até conseguirmos alcançar o objetivo de ter fotos espontâneas, tínhamos que tirar diversas fotos, pois nas primeiras fotos as modelos ainda não estavam totalmente à vontade com a câmera. Timidez essa que foi se perdendo aos poucos, colocamos um ventilador para simular o vento no cabelo, colocamos músicas, o incentivo das outras também ajudou para que as meninas que estavam sendo fotografadas se sentissem mais confortáveis e no final conseguimos adquirir o resultado esperado.

Como estava escrevendo um diário de campo, pedi a permissão de algumas das participantes e recolhi alguns de seus depoimentos. Esses depoimentos dizem a respeito de como elas estavam se sentindo na época (2015) em relação a transição

capilar, muitas estavam no começo da transição do cabelo alisado para o cabelo natural, mas já podia se perceber que estavam em um processo de ter outro olhar voltado para esse ato de deixar o cabelo crescer naturalmente, algumas das meninas já eram militantes do movimento negro na universidade, outras tinham acabado de ingressar na faculdade e ainda estavam construindo suas ideias sobre militância.

Alguns dos relatos sobre cabelo e processo de transição:

"Crescer numa sociedade preconceituosa e rodeada por meninas de cabelo liso nunca foi fácil. Eu sou negra, e se hoje assumo o meu Black e minhas tranças é por uma simples questão de aceitação e identidade, não por modismo"

(Stephanie Cribb- estudante de química da UFRRJ)

"A estética negra nunca é vista como bela. Ao ganharmos elogios não nos chamam apenas bonitas, mas tem que colocar que somos NEGRAS bonitas, como se fossemos exceção ou nos chamar de exóticas. A quebra da imposição estética e da valorização da nossa estética é um primeiro passo para autoafirmação de nossa identidade. Que mulher negra não foi insegura em algum momento? O que acontece agora é uma quebra de padrões e um espaço de empoderamento no combate ao racismo e machismo que tanto nos atinge. Gritamos em alto e bom som: O cabelo é só o começo, a Senzala vai cair!"

(Caroline Otavio –estudante de Ciências Sociais UFRRJ)

"Sinto um incômodo ao lembrar que a todo o tempo eu buscava a perfeição imposta, lisa, sedosa e com prazo de validade... E a cada 3 meses, em um grito silencioso e desesperado, via, sentia e ouvia minhas raízes implorando liberdade. Logo eu que queria tanto me sentir livre aprisionava com progressivas e chapinhas aquilo que é hoje o maior símbolo de liberdade que tenho. Resolvi me empoderar e cortei todos os fios podres que faziam alusão às correntes. Me transformei. Hoje nascem flores delicadas e fortes da minha cabeça. Encrespar-se é vital!"

(Paloma Silveira-estudante de geografia UFRRJ-campus Nova Iguaçu)

"Meu cabelo é sobre aceitação, autoconhecimento, amor. Um amor que vira luta, um amor político. Mulher negra se amando é um ato de resistência."

(Mayra da Cruz Honorato- estudante de Psicologia- UFRRJ)

"O meu turbante não é moda, é representatividade. O meu cabelo não precisa de alisamento, é resistência. Não sou morena, sou negra! Pode tirar o seu racismo que nós vamos passar."

(Fiama Ribeiro - História. UFRRJ)

"Nunca foi fácil ser a única da turma, uma das poucas da escola e até mesmo dentre os amigos. Hoje isso não me aflige mais, e posso dizer que o cabelo tem poder. Assumir o meu natural mudou mais do que a aparência, me deu uma nova postura. Eu quero ser aceita, admirada e respeitada, com toda a minha cor e o meu cabelo crespo."

(Mariana Brum- Licenciatura em Química- UFRRJ)

Com base nesses depoimentos é possível perceber que a grande questão era estética, o cabelo, e o questionamento sobre representatividade, sobre a maneira que éramos representadas até o momento.³

1.3. Identificação

Depois dessas duas semanas em que foram feitas as sessões de fotografia, passamos a nos conhecer e conseqüentemente a andar mais juntas, a nós cumprimentarmos quando nos encontrávamos pelos arredores da universidade. Foi criado um laço de amizade também durante esse processo. Uma coisa que me marcou muito foi, se posso assim dizer, um fenômeno que começou a acontecer. Que não só eu, mas outras meninas começaram a perceber também, de repente ao andar pela universidade estávamos cumprimentando todas as mulheres negras que passavam por nós, até mesmo as que não participavam do projeto, como se tivéssemos alguma ligação. Era até engraçado. Algumas não entendiam, outras cumprimentavam também, mas que isso começou a acontecer é um fato. Também começamos a marcar de almoçar, e jantar juntas no restaurante universitário, a sair juntas para passeios e festas.

Foi quando percebi o impacto que causávamos quando andávamos juntas. Afinal, o que seria esse bando de mulher preta andando junto pela universidade? Coisa que parecia, ao nosso ver, que nunca havia acontecido antes, pois todo lugar que chegávamos, as pessoas olhavam, encaravam e até perguntavam se estava acontecendo alguma coisa pela universidade. Chegava a ser engraçado, ver as pessoas olhando, cochichando, e nos acompanhando com o olhar. Perceber essa identificação entre nós, e o impacto que causávamos quando estávamos juntas, foi essencial para que o projeto não tivesse finalidade apenas na exposição fotográfica.

E sim que tivesse por resultado final algo maior, o empoderamento e a união e organização de mulheres pretas. A foto abaixo é uma das fotos da primeira sessão, quando ao final, saímos para jantar juntas pela primeira vez.

³ Os depoimentos não estão postos de forma anônima pois os mesmos também fizeram parte da exposição. Ficando abaixo das fotos, como legendas juntamente com os nomes das participantes.



Figura 4: Uma das fotos tiradas em grupo. (Foto: Lene Gil)

Depois de todas as sessões de fotografia, começamos o trabalho de edição das fotos, o que exigiu muito esforço já que cada participante tinha mais de 40 fotos, e tínhamos que escolher somente uma, a que iria para a exposição. Depois de todas as fotos editadas e escolhidas, marcamos o dia da exposição (23\11\2015), que foi feita na Sala de cultura, um espaço dentro da universidade que serve para que os alunos possam desenvolver projetos e fazer eventos culturais. Nos empenhamos em fazer uma divulgação de maneira que alcançasse um grande número de alunos, principalmente as alunas negras de variados cursos, fizemos folder de divulgação e espalhamos pela universidade e um evento no Facebook.



Figura 5: Folder de. (Impresso na imprensa universitária)

A exposição desencadeou-se em forma de roda de conversa cujo o tema era: Diversidade estética da mulher negra e empoderamento. As fotos ficaram expostas nas paredes da sala em torno da roda de conversa e as pessoas podiam livremente participar da roda e observar as fotos. A roda de conversa teve como convidada a professora Luena Nascimento Nunes Pereira, e foi feita de maneira livre para que outras pessoas se sentissem confortáveis a participar. O evento contou com a presença de todas as trinta meninas que participaram das fotos, elas eram as protagonistas da noite, a maioria das pessoas que participaram da roda de conversa eram mulheres negras estudantes da universidade. A roda de conversa foi bem aberta. Primeiro, apresentei o projeto, contei como tinha sido todo o processo de convocar as meninas, fotografá-las, escolher e editar as fotos. Depois cada participante contou como foi a sua experiência pessoal de participar do projeto. Até aquele momento, a sala estava lotada de mulheres negras e de outros alunos atraídos pela curiosidade. Houve muita conversa, muito desabafo, muito choro também. Não só as modelos participantes falaram, mas outras meninas negras que estavam presentes também sentiram vontade de falar, falar como se sentiam em relação a sua imagem, ao seu corpo. Tornando aquele espaço um grande espaço de identificação uma com as outras.



Figura 6: Dia da exposição. Algumas das participantes e a professora convidada, Luena Nascimento. (Foto: autor desconhecido)



Figura 7: Roda de conversa. (Foto: autor desconhecido)

Passado o dia da abertura, as fotos continuaram expostas durante o restante da semana. Após esse evento pude notar diversos casos que começaram a acontecer, especialmente o fato de que agora eu conhecia muitas mulheres negras na universidade, não só conhecia como sabia um pouco de cada uma. Isso gerou uma identificação com a maioria das mulheres negras que eu via no ambiente universitário.

A Universidade Rural se difere de outras universidades por ter uma comunidade não apenas acadêmica, mas também de moradores, devido ao fato de que a Universidade fica localizada na cidade de Seropédica, que fica na Baixada Fluminense, muitos estudantes optam por morar perto da universidade, seja em republicas que se localizam na própria cidade, ou nos alojamentos estudantis que ficam dentro do próprio campus.

Sendo assim, os alunos vivem em um cotidiano em que ficam muito próximos uns dos outros, e mesmo assim, eu não tinha muito contato com outras mulheres negras que tinham tanta coisa em comum comigo, mesmo sendo de cursos diferentes, tendo gostos diferentes e rostos diferentes. Eu percebi que o que nos unia eram duas coisas indispensáveis: o gênero e a raça.

1.4. Organização

Notando isso e conversando com outras amigas, percebemos que seria importante a criação de um espaço, um coletivo, uma organização onde pudéssemos expor e conversar sobre nossas experiências como mulheres negras, sobre o espaço que ocupamos dentro da universidade e também fora dela. A Rural já contava com diversos coletivos⁴, o NUN (Núcleo Universitário Negro), e o coletivo de mulheres. Mas nenhum espaço específico para se discutir as questões da mulher negra.

Foi quando tivemos a ideia de criar em conjunto um coletivo específico para nós. Todas as meninas participantes do projeto “Menina mulher da pele preta” se disponibilizaram a construir juntas o coletivo. Já havia um grupo no facebook onde todas nós nos comunicávamos sobre as sessões de foto, o que aconteceu é que a partir dali o grupo seria usado para discutir a construção do coletivo. Foi marcada a

⁴ Os coletivos são novas formas de organização que a juventude atualmente tem usado para se mobilizar politicamente de maneira mais autônoma e democrática, das quais falarei mais adiante no terceiro capítulo.

primeira reunião para decidir coisas como: o nome do coletivo, quando seriam as reuniões, sobre o que iríamos conversar, e quais linhas intelectuais iríamos seguir.

Em 2015 quando o projeto fotográfico “Menina mulher da pele preta” nasceu, as mulheres negras alunas da UFRRJ, participantes estavam passando por esse processo de ocupar um espaço que antes não ocupavam, o espaço da universidade, e também no processo de tornar o seu próprio corpo um corpo político. O corpo enquanto corpo político e descolonizado, na perspectiva do feminismo negro, é a compreensão de que as mulheres negras compartilham uma ótica em comum sobre o mundo, um ponto de vista ancorado nas diferenças reunidas em seus próprios corpos que unem dores e as contradições que marcaram historicamente a vida dessas mulheres.

Coletivo de mulheres negras UFRRJ - Alice Bruno foi o nome decidido. Alice Bruno, é o nome de uma mulher negra que fundou uma das escolas municipais do município de Seropédica, escolhemos o nome com o intuito de homenagear uma figura conhecida também da comunidade de Seropédica, por acharmos importante a universidade ter um vínculo com a cidade.

O coletivo foi fundado em abril de 2016, menos de um ano depois da exposição. Em conjunto elaboramos diversas atividades para mulheres negras, não apenas estudantes da universidade, mas moradoras da cidade de Seropédica também.

Piqueniques, rodas de conversas, palestras, e até festas. As reuniões aconteciam semanalmente, nos espaços dentro da universidade. Fizemos enquanto coletivo diversas interversões na universidade falando sobre racismo, sobre a mulher negra, e cada vez mais o grupo ia aumentando, de 30 meninas, o grupo aumentou para 60 mulheres. Nem todas eram ativas nas reuniões, mas ajudavam como podiam, divulgando o coletivo para outras meninas, principalmente para as que acabavam de entrar na universidade, estas, diferentes de nós que fundamos o coletivo, já chegavam na universidade sabendo que ali existia um espaço em que era discutidos as pautas sobre o que é ser uma mulher negra dentro da universidade.



Figura 8: Intervenção artística do coletivo de mulheres negras "Alice Bruno" no "Dia de luta", atividade realizada pelo coletivo de mulheres "Me avisa quando chegar". (Foto: Midia Ninja)



Figura 9: Primeiro coletivo de mulheres negras da UFRRJ- Alice Bruno. (Foto: autor desconhecido)

O coletivo se manteve ativo até o final de 2017, quando em 2018 por motivos da maioria das meninas estarem em processo de final de graduação, diminuiu suas atividades.

1.5. O reflexo da imagem

Atualmente tem surgido diversos estudos e discussões acerca da representação do negro nos meios de comunicação, na televisão, no cinema, na música. A imagem é a representação, reprodução ou imitação da forma de uma pessoa ou de um objeto, é o aspecto particular pelo qual um ser ou um objeto é percebido. Como a imagem do negro tem sido retratada ao longo dos anos e percebida por ele mesmo? No mundo globalizado a mídia tem tido grande influência em como passamos a enxergar diversos fatores, a imagem é umas das coisas que mais vende e influencia, são um recado rápido de ser absorvido.

Se a imagem do negro é retratada de maneira pejorativa ao longo de muitos anos, a sociedade inconscientemente absorve e reproduz isso. A comunicação não apenas nomeia o mundo, mas o institui a partir da criação de conteúdos simbólicos que constroem e influenciam o imaginário dos indivíduos e, de modo consequente, da sua realidade. Construímos a nossa realidade a partir de tudo aquilo que é visível e compreensível, não apenas da matéria física, mas também, dos sentidos, das

impressões, do pensamento e da imaginação. Aspectos esses que não ocorrem de maneira consciente.

É o campo simbólico que fornece as indicações sobre o que é certo e o que não é certo, bom, ruim, bonito, feio, desejável ou não. Ao agir na edificação do simbólico, os meios de comunicação atuam, conjuntamente, na construção das representações sociais.

Dentre tantos intelectuais que fazem discussões acerca da imagem do negro, vale ressaltar a historiadora, ativista e poeta Maria Beatriz Nascimento. Sua pesquisa sobre os quilombos, e suas reflexões acerca do racismo e da situação da mulher negra no Brasil, e principalmente sua colaboração com a narração e autoria no filme *Orí*⁵ de 1988, um dos seus trabalhos mais conhecidos. Ao decorrer de toda a narrativa do filme, Beatriz Nascimento reflete sobre a condição de subalternidade que é colocada a população negra tanto no processo histórico brasileiro como na reflexão sobre este processo pela historiografia brasileira e no lugar simbólico do negro na sociedade brasileira. A dor e a angústia causada pela perda da imagem, perdida na diáspora e a eterna procura da sua origem, da sua identidade. Como se a imagem e o corpo do ponto de vista da sua concretude - estivessem ligados a construção da identidade.

A invisibilidade e o esvaziamento da imagem do negro fazem com que esse indivíduo esteja em uma incessante busca de cada vez mais se parecer menos com o que realmente é. Quando se olha no espelho, quando se vê em uma foto, quando se vê na televisão. Essa busca está lá. A vontade de ser o protagonista, de se parecer com o protagonista, que é branco.

Ao relacionar a imagem e o corpo à construção de identidade, reflete-se a busca por visibilidade, nos levando a refletir sobre como é o processo da construção pessoal e identitária de uma mulher negra.

2.CORPORIEDADE E IMAGEM:

⁵ O documentário *Orí* (1989), dirigido por Raquel Gerber, e com roteiro e narração de Beatriz Nascimento. Trata-se da história e cultura africana, da história do quilombo e do movimento negro no Brasil a partir da história de vida e das pesquisas históricas e acadêmicas da roteirista, Beatriz Nascimento. Lançamento: 1989. Duração: 91 minutos. País de origem: Brasil. Gênero: Documentário. Distribuidor: Distribuição própria. Cromia: Colorido. Formato original: 35mm. Formato de exibição: 35mm.

Neste capítulo discutirei como o processo de construção do projeto fotográfico afetou a corporeidade das mulheres participantes, e como o procedimento que antecedeu a exposição, o processo de estar ali sendo fotografada, junto com outras mulheres negras, fez com que essas mulheres pudessem enxergar a possibilidade de uma nova forma de performar o seu corpo dentro da universidade, de se colocar nos espaços de maneira notória, se tornar visível e formar uma nova imagem de si.

Utilizando a discussão do corpo enquanto corpo político na perspectiva do feminismo negro, um corpo que enquanto corpo político vai se descolonizar, e a compreensão de que as mulheres negras compartilham um espaço comum, dores comuns, e trajetórias de vida semelhantes ancoradas nas diferenças reunidas em seus próprios corpos que unem dores e as contradições que marcaram suas vidas historicamente. Para isso discutirei sobre corporeidade da mulher negra e sua relação com a colonialidade e as continuidades das formas coloniais de dominação no sistema mundo-capitalista. E o que esse sistema fez da imagem da mulher negra através dos veículos de comunicação, como a TV, revistas, etc. Como as relações coloniais exploraram a performance do corpo negro, e de como que as mobilizações da juventude negra atualmente vêm tomando os meios de comunicação e representação para que novas imagens do povo negro sejam feitas e a partir disso um novo jeito de colocar o corpo no mundo.

O que é corporeidade? A corporeidade se forma na relação do sujeito com o seu mundo e contexto no qual que está inserido. Neste caso, penso nas mulheres negras que participaram do projeto e que estavam no espaço da universidade.

Considerando a realidade da sociedade brasileira, que investe na hierarquização dos corpos negros, através da disseminação do racismo, o processo da expressão do “Eu” ocorre de maneira lenta, em um demorado desenvolvimento da construção do eu enquanto corpo no mundo.

Lenta construção de meu eu enquanto corpo, no seio de um mundo espacial e temporal, tal parece ser o esquema. “Este não se impõe a mim, é mais uma estruturação definitiva do eu e do mundo – definitiva, pois entre meu corpo e o mundo se estabelece uma dialética efetiva.” (Fanon, 1963, p.104)

O corpo negro se encontra então em dois sistemas de mundo, uma vez que pela experiência do exílio tiveram suas referências, representações e imagens perdidas, tendo que se adequar em um novo sistema, o sistema de representação

colonial. Seus costumes e instâncias no período anterior a colonização, foram abolidos porque entravam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta (Fanon,1963). O corpo negro entra então em uma incansável tentativa de embranquecimento, de se encaixar nesse novo sistema. O sistema de representação colonial, que atinge a corporeidade negra, e também é um dispositivo de manutenção da diferença e preservação da hierarquia de poder.

Muitas vezes, pensamos no poder em termos de restrição ou coerção física direta, contudo também falamos, por exemplo, do poder da representação; poder de marcar, atribuir classificar. Do poder simbólico; do poder da expulsão ritualizada. (HALL. Stuart,2016 p. 193)

Esse poder a que Stuart Hall se refere em seu livro “Cultura e representação” precisa ser pensado não apenas com um poder econômico ou físico, mas vai para além, e atinge o campo simbólico e cultural, que inclui o poder de representar alguém.

Diante disso podemos ver que a representação é uma forma de manutenção, é uma forma de conservação da hierarquia de poder e se mantém através do racismo, atingindo diretamente a mente e corpo da população negra, uma vez que o racismo nos afeta em todas as esferas sociais e psicológicas. Os sistemas de representação estabelecem cortes e contrastes e instituem diferenças. Essa marcação de diferença ocorre tanto no processo simbólico quanto no processo de classificação formando a partir daí um significado para o que é visto no mundo. Esse processo de classificação promove significados, atribui noções, nomeia, dá valor. O corpo negro não pertence mais ao negro e expressa seus próprios significados na relação com o mundo, de repente o sistema de representação se torna dono desse corpo, ditando o que esse corpo representa para o restante da sociedade.

A mulher negra é feita para sambar, para servir, entre outras coisas, as mulheres negras não eram vistas, por exemplos como pessoas que podiam ser intelectuais. Lembro que muitas das mulheres participantes do projeto se queixavam das falas dos colegas e até professores do curso, o tempo todo duvidando de sua intelectualidade, principalmente as mulheres que cursavam cursos das ciências exatas.

Aquelas pessoas já tinham uma ideia pronta do que é uma mulher negra, do que faz uma mulher negra. Mesmo que essa mulher não tenha sequer aberto a boca, já estão lá ideias pré-estabelecidas sobre ela. Como se já chegássemos, sendo

representados por terceiros, quando digo terceiros, me refiro a ideia que já é predestinada ao negro. O sistema de representação colonial que faz isso. Estabelece o que é o padrão e o que está fora dele, o que é o modelo a ser seguido, o que é o diferente, o exótico, e o que é padrão\normal, é o poder de representar. A diferença seria necessária para que a construção de um diálogo com o “Outro” seja possível.

Pra que o padrão exista é necessário diferenciar, exotizar o outro, racializar o outro.

“O significado é sustentado no diálogo entre dois ou mais falantes...Ele surge na troca entre diferentes interlocutores. Na linguagem, metade da palavra pertence ao outro. Ela somente se torna “a própria palavra” quando (..) o falante se apropria dela, adaptando-a à sua própria intenção de expressão semântica” (HALL, 2016, p. 155)

“O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino Bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer!” (FANON,1963, p. 107)

O processo de conscientização da diferença racial ocorre ainda na infância, quando a criança negra descobre seu corpo, construindo seu esquema corporal com ajuda dos pais e do meio onde vive, estrutura-se sua imagem corporal. Para uma criança negra brasileira, mediante ao sistema racista brasileiro, esse processo de diferenciação entre ela e outras crianças não negras ou brancas ocorre de maneira rápida. Sendo assim, a cultura e seus conceitos são internalizados pelos corpos dos indivíduos desde a infância, naturalizando determinadas diferenças construídas historicamente, por onde se baseia a discriminação e diferenciação: Eu\outro.

No caso das meninas negras, é a percepção de que não se vê nas bonecas, nas novelas, nas revistas, de que seu cabelo é diferente dos que vê nas embalagens de produtos de cabelo. A cultura então é o dinamizador da constituição da diferenciação na criança, sendo assim, desde a infância o corpo negro já assimila a negação de si, tentando se encaixar nos padrões impostos socialmente.

O corpo está sempre conjuntamente envolvido tanto na economia do discurso, de dominação e do poder, conhecendo nosso passado colonial, mantemos uma relação entre o discurso construído sobre a população negra, e que ainda resiste; e os corpos dos hierarquizados socialmente por meio da cultura, da educação e da mídia. Através desses meios são propagados a visão do colonizador, aplicando aos

corpos dos sujeitos os saberes e regime de conduta que dentro dos quais estão as visões e ideias sobre do sujeito colonial mesmo em um período pós-colonial. “A impressões sobre o ser negro, os sentidos dados ao cabelo crespo são dimensões simbólicas que também se fazem presentes e exprimem a forma como homens e mulheres negras pensam e tematizam o próprio corpo.” (GOMES, 2006, p.261)

A colonialidade nos permite compreender essa continuidade das formas coloniais de dominação em um momento pós-colonial, ou seja, após o fim das administrações coloniais, produzidas por culturas e estruturas coloniais no sistema mundo capitalista moderno. O capitalismo prolongou as relações coloniais como parte estrutural de seu sistema, desenvolvendo de variadas formas a sua dimensão e significado. A própria identidade nacional brasileira foi definida por fundamentos herdados da colonização europeia. É na definição da nação brasileira, que também se está definindo “o outro” em relação a ela. Num movimento de duas faces tanto para fora tanto para dentro. “Cabe aqui identificar quem é o “outro” desta nação.” (GUIMARÃES, 1988, p.5)

No definir da identidade nacional, enquanto nação que representava a ideia de civilização no novo mundo, também é definido aqueles que internamente serão os dominados desse projeto por não serem pertencentes a noção de civilização. “A nação brasileira, traz consigo forte marca excludente, carregada de imagens depreciativas do “outro” cujo o poder de reprodução e ação extrapola o momento preciso de sua construção.” (GUIMARÃES, 1988,.6).

“Num processo muito próprio ao caso brasileiro, a construção da ideia de nação não se ausenta sobre uma oposição a antiga metrópole portuguesa; muito pelo contrário, a nova nação brasileira se reconhece enquanto continuadora de uma certa tarefa civilizadora, iniciada pela colonização portuguesa.” (GUIMARÃES, 1988, p.6)

O racismo e o nacionalismo estão ligados de maneira que é possível ver traços coloniais em toda a formação da identidade nacional. Desta maneira mesmo em um contexto pós colonial, o discurso do colonizador ainda é perpetuado, e reconhecido como conhecimento, viabilizando ausências referenciais na formação da identidade dos povos, onde seus referenciais, suas características, e seus atributos corporais são mostrados apenas como aspectos negativos, acompanhados por exotismos e estereótipos, sendo assim, internalizados por seus corpos desde a infância e tornando-se parte da história de sua vivência pessoal manifesta no corpo. “Logo, o

racismo pode se apresentar como um “hipernacionalismo”, reconfigurando noções de herança nacionais, de corpo nacional, de pureza nacional e ideias estéticas de homem, de mulher nacional “(Wade, 2000, P.110).

“O racismo está interligado com o nacionalismo desde o momento que os estados-nação tentaram controlar os movimentos das populações dentro de um determinado território e produzir “o povo” como uma entidade política e essencialmente étnica. Não são apenas complementares, mas supõe-se um ao outro. (WADE,2000, p111)

Então o corpo negro no contexto brasileiro existe em um terreno social de conflito, já que se torna um símbolo explorado nas relações de poder para hierarquizar e classificar as diferenças entre grupos, assim como é preterido pela subjetividade, no procedimento de dar sentido as nossas relações com o mundo. O corpo negro no Brasil se tornou o “outro”, o racializado. Em contextos racializados o corpo negro se torna um emblema étnico, transformando-se em suporte de construção de identidade (Gomes,2004), assim como é possível ver na construção da identidade nacional. E o poder racializado opera em e através dos corpos (Brah,2011). Uma das continuidades da colonialidade no sistema mundo capitalista é a forma de representação do corpo negro, essa forma de representação afeta diretamente a maneira como esse corpo se enxerga dentro dessa sociedade, como a identidade de quem carrega esse corpo é formada, como a percepção de si evolui, como esse sujeito de desenvolve não somente em questões físicas mas também em aspectos sociais, uma vez que internaliza todos esses discursos representativos para si. Então, toda linguagem e imagem corporal construída pelo sujeito a partir da conjuntura onde vive, é influenciado pela atuação desses olhares e representações sobre o corpo negro, e modificam diretamente a formação do seu autoconhecimento e identidade. O auto reconhecimento é também uma forma de se construir sua a identidade, é a representação interna que cada sujeito faz de si e dos outros é o que molda a maneira pela qual se constitui sua identidade pessoal, e essa construção de identidade é marcada por símbolos, estes símbolos funcionam como objeto de diferenciação. “Os sentidos e significados do corpo negro para o próprio negro. Ao ser cotidianamente tocado, manipulado, objeto de reflexão, debate e intervenção estética.” (GOMES, 2006)

Marcel Mauss em seu ensaio “A técnicas corporais “afirma que não podemos negar que o corpo se estabelece biologicamente, sendo ele o primeiro instrumento do

homem, se encontrando submetido a imposições naturais, mas por outro lado é preciso entender também o corpo como um objeto possível a alteração mediante ao contexto que está inserido, tendo suas práticas e performances alteradas e modificadas.

Dada a maneira que se deu a formação da identidade da sociedade brasileira, as consequências para o corpo negro são: rotulação das suas atitudes corporais. O que uma vez poderia ser positivo, se torna negativo quando generalizado com os recorrentes estereótipos limitativos com relação ao trabalho e aos estudos, que sempre foram reforçados ao longa da história, ganhando respaldo depois principalmente na mídia, onde estereótipos sobre o corpo negro eram mais reforçados ainda.



Figura 10: Sequência de algumas das fotos da sessão fotográfica de Mariana. (Foto: Amanda Sarmento)

As atitudes, comportamentos, performances corporais negras foram afetados pela colonização e se mantém mesmo em um período pós-colonial. Percebi essa timidez, essa “vergonha” da aparência, do corpo, da própria imagem refletida ali na câmera enquanto fotografava e conversava com as mulheres participantes do projeto. Todas muito tímidas, mal falavam no começo da sessão, paradas, mal se mexiam,

não sorriam. Como podemos ver na sequência⁶ de fotos de Mariana. Foi um trabalho árduo fazer com que cada mulher participante se sentisse confortável ali naquele ambiente, se sentissem a vontade de performar, mas ao longo dos cliques e conversas uma com a outra essa performance ia mudando. Como podemos ver nessa sequência de fotos acima, de Mariana, uma das participantes do projeto. No começo tímida, e no final, o resultado depois de dezenas de tentativas.

Conversei com Mariana recentemente, 4 anos após o projeto, e ela me deu seu depoimento do que foi a experiência da sua participação no projeto naquele momento:

“Participar do projeto foi uma experiência realmente marcante que me ajudou a construir a minha imagem e a autoestima que eu tenho hoje. Na época eu tinha acabado de entrar na faculdade e acabado de fazer meu big chop, então eu estava saindo de um ambiente totalmente embranquecido em que eu vivia fora da universidade, e entro nesse universo de diversidade. Eu não tinha a menor noção de negritude, literalmente “me tornei negra” nesse espaço em contato com todas essas meninas que tinham histórias parecidas com a minha. Assim eu aprendi a gostar do meu cabelo e entender como o fato de eu ser uma mulher negra recortava vários aspectos da minha vida. No dia das fotos eu estava meio travada, porque eu não conhecia ninguém e tinha essa coisa de eu estar me acostumando com o cabelo “novo”. Mas ao longo do trabalho conversando com as meninas fui me soltando e foi muito divertido”

A corporeidade negra sofre e sofreu em todo o mundo, e aqui falo de corporeidade negra, porque falo do corpo, corpo físico. É o corpo que chega nos espaços, é o corpo que é visto e carrega o sujeito. Corpo físico. Braços, pernas, nariz, boca, cabelo, um corpo que carrega uma pele negra. Esse corpo que se relaciona com o ambiente e com os sujeitos. Quando chegamos em qualquer espaço, é esse corpo negro que chega primeiro, e junto com esse corpo negro, todas as imagens produzidas ao longo da história do Brasil e apresentadas na literatura, na cinematografia, nas artes plásticas etc. “É no corpo que se dão as sensações, as pressões, os julgamentos. Estes não acontecem de forma independente, mas estão intimamente entrelaçados, constituindo uma estrutura, uma unidade que tem uma ordem- a sua forma de corpo.” (GOMES, 2009, p.261) Como esse corpo se coloca no mundo, e constrói sua identidade, considerando o contexto nacional que invisibilizou o corpo negro e sua imagem de diversas formas. Sendo a corporeidade o próprio agir

⁶ A sequência de fotos mostra as três primeiras fotos tiradas, depois três fotos da metade da sessão e por fim, três últimas fotos já no fim da sessão. Houveram mais fotos da sessão de Mariana, porém escolhi estas para amostra.

no mundo, a complexidade do entendimento do ser/estar, temos na corporeidade a expressão do “Eu”. Uma grande questão para as mulheres negras que estavam participando do projeto fotográfico era o cabelo, muitas na época (2015) estavam passando pelo período da transição capilar. O olhar sobre o próprio cabelo também é afetado pela forma que esse cabelo é representado na sociedade. “As impressões sobre o ser negro, os sentidos dados ao cabelo crespo são dimensões simbólicas que também se fazem presentes e exprimem a forma como homens e mulheres negras pensam e tematizam o próprio corpo.” (GOMES, 2006, P. 261)

Ao relacionar o corpo e imagem à construção de identidade, reflete-se a busca por visibilidade.

“É preciso a imagem para recuperar a identidade. Tem-se que tornar visível, porque o rosto é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro e em cada um o reflexo de todos os corpos.” (Trecho extraído da transcrição da fala de Beatriz Nascimento no documentário Orí. Nascimento, 2018. p. 330)

Por isso falo aqui de corporeidade junto com imagem. A imagem como uma recuperação da identidade, nos levando a refletir sobre como é o processo da construção pessoal e identitária de uma mulher negra. Ao longo do projeto de fotografia, pude perceber que a maneira como as mulheres performavam seus corpos e se sentiam a vontade para expressar o corpo, mudava de acordo com a influência da imagem, não somente fotográfica, mas da imagem de uma outra mulher negra ali presente, incentivando-a. Ao longo do processo de fotografia até a chegada da data da exposição, pude notar que uma identidade foi recuperada, aquelas mulheres se sentiram acolhidas por vivências parecidas com as suas, com mulheres parecidas, e com fotos de seus próprios rostos, retratando uma mulher negra, que não sente vergonha do cabelo natural, que não sente desconforto em ver o rosto de perto.

Entendendo a experiência do corpo no mundo como parte do princípio de que agimos no mundo através deste. No Brasil, o corpo é colocado em evidência principalmente para mulheres, estas são expostas a ideias patriarcais de padrões sociais sobre ideias de beleza e expectativas corporais que influenciam toda dinâmica das relações afetivas, de gênero, relações raciais e de poder.

As mulheres negras são notadamente uma parcela da população onde estas determinações e representações sociais ditadas pelo sistema de representação colonial e pelo patriarcado se apresentam da forma mais agressiva, tornando ainda mais difícil e lento o processo da construção e expressão do “Eu”.

“O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.” (González, 1984, p. 224)

A principal arma do racismo é a negação do seu próprio corpo, da sua própria imagem, e a padronização da beleza é uma forma da manutenção disso. A negação dos traços, do cabelo etc., torna estas características inaceitáveis, sendo assim, a mulher negra desde sua infância, onde ocorre o desenvolvimento de diferenciação do eu/outro, já tenta se encaixar nos padrões de beleza mostrado principalmente pela mídia (tv, revistas, etc.). Aqui chamo a atenção de como que esse modelo social de beleza vem afetando a mulher negra que, embasada nos valores adotados a cada época, e sempre foi alvo de imposições quanto a forma de entender, tratar e expressar seu próprio corpo. Uma vez que a construção da identidade desse eu se dá no espaço coletivo e individual, podemos ver que a identidade e auto imagem se desenvolve de acordo com a maneira pela qual esse indivíduo se relaciona com seus atributos corporais e depende também de como este lida com as manifestações coletivas sobre os mesmos.

Essas experiências no Brasil são mais significativas pelo fato de que, diferente de outras diásporas africanas, as mulheres estão sujeitas a um discurso de democracia racial que tenta minimizar os efeitos do racismo e sua realidade, imprimindo um impacto subjetivo em suas vidas (Cadwell, 2004). No Brasil as intersecções de gênero e raça tem promovido classificações hierárquicas, através do debate sobre os corpos das mulheres e atribuição de valores a certas características estereotipadas, nos quais alguns aspectos como: cor da pele, cabelo, formato e tamanho dos narizes e lábios são relacionados a beleza; e quadril e nádegas são relacionados a sensualidade. Sendo assim, levando em consideração o padrão de beleza eurocêntrico as mulheres brancas são tidas como belas, e as negras tidas como sexuais. Esse processo de racialização da beleza que ocorre é mais complicado do que meramente afirmar que as mulheres negras sofrem com a padronização hegemônica de forma passiva.

2.1. Novas narrativas

Atualmente⁷ há uma significativa política de corpo negro na diáspora que insere reflexões práticas e estéticas que valorizam a beleza negra, como foi o próprio projeto “Menina mulher da pele preta”. O indivíduo negro contemporâneo apresenta particularidades, refletindo um corpo que é utilizado, principalmente como suporte a outra estética, como forma de comunicar o sagrado, o trabalho, o poder, e a sexualidade para ao final conquistar o direito à diferença (SCHUMAHER e BRAZIL, 2007)

Diante disso tudo, surge então a necessidade de se refletir maneiras de como as mulheres negras atualmente vem procurando desafiar esses valores que foram impostos e trazer um outro significado para a feminilidade negra através de seus corpos o utilizando como corpo político e um espaço de ressignificação. O projeto fotográfico foi uma maneira de desafiar esses valores, foi uma construção conjunta de todas as mulheres que estavam presentes e que reconstruíram sua identidade juntas e, a partir disso, mudaram sua corporeidade, não só mudando sua performance no mundo, mas também, entendendo seu corpo como corpo político que tem direitos a estar/ ocupar espaços, não só direitos ao acessos desses espaços, mas o direito de ser um corpo visível nesse espaço, um corpo que não mais esconde sua identidade, a sua negritude, é o “chegar, chegando” que por muito tempo achávamos que não nos pertencia.

Então o que podemos ver agora nas movimentações negras, principalmente da juventude, é uma tentativa de ressignificar toda essa imagem negativa que foi construída durante anos sobre o corpo negro através do sistema de representação colonial. Trazendo as próprias formas de representação, tomando atualmente, principalmente meios midiáticos através da fotografia, da música do cinema etc. A mulheres negras principalmente tem promovido diversos trabalhos que mostram novas formas de nos representar. Abandonando os estereótipos uma vez construídos sobre nós e construindo uma nova imagem e narrativa.

⁷ A valorização da beleza negra não é uma questão recente, vem sendo discutida desde os movimentos pelos direitos civis e de descolonização desde os anos 50 e 60. Porém sendo um assunto muito extenso, nesta pesquisa tratarei de discutir como essa valorização assumiu novos contornos pelo viés da agência feminina atualmente.

O que quero trazer nesse trabalho é a reflexão de como que a forma que o sistema de representação racista construiu nossa imagem, sistema esse que permanece até os dias atuais amparado principalmente pelos instrumentos da mídia, afetam diretamente nossa corporeidade e o modo que construímos nossa territorialidade na sociedade. Afetam nossos corpos de maneira que não nos sentimos de fato parte da sociedade, como se estivéssemos o tempo todo procurando nos encaixar. Mas a partir do momento que passamos a ressignificar a imagem sobre nosso corpo, nossa corporeidade se desenvolve de maneira diferente, e a partir disso podemos construir novas territorialidade, ocupar novos espaços, de fato os tomando para si. Essa imagem é ressignificada através de novas narrativas que são trazidas de diversas maneiras, e no caso deste trabalho, através da mídia, da fotografia, do audiovisual da imagem mesmo. Imagem retratada.

Falar sobre juventude negra hoje, é também falar sobre novas narrativas e discursos em construção, acima de tudo quando partimos de um sistema de representação colonial. A ideia de subverter essas representações está muito presente no século XXI, num contexto onde o protagonismo tem ressignificado corpos e territorialidades, refletindo o consumo, as produções simbólicas e gerando novos pertencimentos identitários. Pensar a respeito das atuais produções relacionadas a literatura, moda, arte, música e aos conteúdos realizados por meio das redes sociais, se torna necessário para refletir sobre narrativas que podem contrariar o protagonismo que até então era apropriado por um circunstancial grande de padronização, e passa não somente uma necessidade de diversidade estética ou uma “sede” por representação de uma causa, mas acima de tudo a necessidade da diversidade de narrativas. Logo esse poder que Stuart Hall discute que é o do poder da representação; poder de marcar, atribuir e classificar, é tomado, uma vez que agora são construídas novas narrativas, que contam a história por outra visão que não é a do colonizador.

“Há uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é “nkali”. É um substantivo que livremente se traduz: ‘Ser maior do que o outro’. Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do ‘nkali’. Como é contada, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outro, mas de fazê-la a história definitiva daquele.” (TEDGlobal da escritora Chimamanda Adichie, gravado em 2009)

Dar um outro significado aos discursos e representações é contrariar uma ideia única de existência e representação da história, descolonizando e descentralizando o protagonismo de um padrão hegemônico, tomando para si, a função de representar seus próprios corpos e sua própria história. A juventude negra, em especial as mulheres, faz agora um movimento de afirmação identitária, a partir de sua ênfase numa estética afro- diaspórica, isto vai muito além do que uma necessidade de se sentir representado, vai mais em direção a representar-se, e cria narrativas que ressignificam todo o espaço e conseqüentemente seus corpos. É sobre a descolonização do pensamento e do corpo. Vejamos, todo o processo do projeto, foi feito por mulheres negras, desde a fotografia à curadoria da exposição.

Tudo feito de maneira amadora, mas por mãos de mulheres negras para mulheres negras. Longe do olhar do outro. Historicamente as mulheres negras têm sido condicionadas pelo olhar do outro, principalmente na mídia. Inicialmente, surgem só as pessoas brancas na tela. Posteriormente, os brancos despertam a nos olhar, com esse olhar de fora, do outro, do exótico, do estranho, caindo facilmente no estereótipo. O que quero falar aqui é do movimento da juventude negra de contar sua própria história, de registrar sua própria imagem. E de como que isso nos ajuda a reconstruir nossa corporeidade e identidade. As mulheres participantes do projeto são a prova viva disto, ao legitimar nossa existência no espaço, nosso trabalho, resgatamos a imagem que nos foi tomada, reconstruindo nossa identidade e autonomia enquanto voz que fala por si. Deixando de ser objeto das produções para se tornar a própria produção, as contadoras da sua própria história, as que mostram sua própria imagem como ela é.

Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. (GONZALES, 1984, p.225)

As mulheres que participaram daquele projeto, no começo agiam de uma forma totalmente diferente do que se mostraram ao final. Isto não foi fruto de um milagre, e sim resultado do que acontece com a corporeidade da mulher negra, quando fazemos o movimento de construir novas narrativas sobre nós mesmas. Quando questionamos as formas que fomos representadas até agora, as formas com que o meio de comunicação tem nos tem mostrado ao longo da história. A internet mais que tudo trouxe essa possibilidade de dar voz e visibilidade a novos sujeitos, que dentro dos espaços tradicionais de mídia não tinham vez além dos papéis estereotipados,

atualmente é possível perceber uma significativa ampliação de acesso e produção de conteúdo pelo povo negro e a presença maciça de mulheres negras construindo novos conteúdos de mídia, utilizando a internet, reconstruindo e ressignificando imagens, narrativas e espaços.

É um novo olhar, que agora tem mais visibilidade para fugir do olhar do outro, da representação do outro. Contar a própria história, mostrar e produzir a própria imagem, e a partir disso se enxergar de outra forma, impor seu corpo no espaço de uma outra maneira. Os chamados criadores de conteúdo⁸ têm usado uma nova mídia para construir não uma contra narrativa, mas uma nova narrativa. Entendendo que a história do povo negro vai muito além da escravidão, a história da juventude negra não se resume ao genocídio, a mulher negra não se resume aos estereótipos criados.

Através do projeto fotográfico com as mulheres negras da Rural, foi possível reestruturar a identidade através da recuperação da imagem, trazer de volta uma imagem positiva do corpo da mulher negra, da estética dessa mulher. E a partir disso, descolonizar não só o conhecimento, como também o corpo e o espaço.

3.TERRITORIALIDADE, OS ESPAÇOS QUE O CORPO DA MULHER NEGRA OCUPA:

Com o final do projeto fotográfico, em uma decisão conjunta com as meninas que haviam participado, decidimos por nos legitimar como coletivo. Os coletivos são novas formas de organização que a juventude atualmente tem usado para se mobilizar politicamente de maneira mais autônoma e democrática, diferente das organizações políticas que são ligadas a algum partido ou sindicato. Essa nova forma de organização tem tomado principalmente as universidades, onde pessoas que compartilham da mesma ideologia, da mesma luta se unem a fim de criar um espaço, não só de debates sobre igualdade e discursões sobre as soluções para as lutas que travamos, mas também um espaço de troca de experiências, vivências, e troca de afeto. Esse tem sido um dos jeitos de se formar um espaço, e ressignificar um território. Se encontra não só um espaço de luta, mas também de apoio mútuo. A partir do projeto fotográfico “Menina mulher da pele preta”, o primeiro coletivo de

⁸ São profissionais que criam conteúdos na internet, especificamente nas redes sociais. Textos, estratégias de marketing digital, fotos e vídeos.

mulheres negras da UFRRJ foi criado, e isso foi um passo importantíssimo para a tomada do nosso espaço dentro da universidade, para a criação de novas narrativas e novas discussões, para que os nossos corpos não fossem apenas corpos negros preenchendo, se encaixando em um território branco, mas que pudéssemos ter em nos mesmos o apoio e mostrar que o espaço acadêmico também era nosso, não ficaríamos mais em segundo plano.

A implementação de ações afirmativas como as cotas raciais foram indispensáveis para o crescimento do povo negro dentro das universidades públicas brasileiras, e principalmente das mulheres negras, para que pudéssemos ter diversas estudantes negras da UFRRJ participantes do projeto fotográfico. A implementação das cotas foi resultado de um incessante processo de luta e mobilização dos movimentos sociais negros, sendo sancionada somente em 2012 pela presidenta Dilma Rousseff. E o que territorialidade e identidade tem a ver com isso? Tanto a territorialidade quanto identidade são conceitos que tem um ponto em comum quando pensamos nos processos sociais que envolvem a reestruturação do povo negro na diáspora e a busca incessante por fazer parte de um lugar. A territorialidade e a identidade são conceitos que estão relacionados ao poder, o que por sua vez, em nosso sistema brasileiro transforma a existência do povo negro em um constante processo de afirmação e negação de territorialidades, identidade e diretos.

Apesar do conceito central de territorialidade partir da geografia, podemos encontra-lo em diferentes áreas de conhecimento. O conceito território diferencia-se de espaço e lugar uma vez que a ideia de território está ligada diretamente a ideia de poder e de produção e apropriação social de espaço (Andrade, 2009). Esse espaço, que é socialmente construído, provoca uma identificação positiva aos que dele se utilizam e uma eficaz “apropriação” uma vez que, temos domínio sobre o espaço que ocupamos tanto para desempenhar funções, tanto para produzir significados.

A territorialidade refere-se ao conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantirem a apropriação e permanência de um dado território por um determinado grupo. (CORRÊA, 1994). Anjos (2006) chama de territorialidade o fenômeno em que a memória no ato de reconhecer uma origem estabelece delimitações, coloca o passado sobre o presente, cria um nós, os da origem. (ANJOS, 2006).

Portanto, depois de pensar nos termos de territorialidade e entende-lo não só como um conceito geográfico, mas também como uma questão que agrega muito mais do que simplesmente ocupar um espaço físico, ou seja, tendo a ver com a memória, com o passado, com construção de significados e com poder. A partir disso podemos fazer a reflexão sobre o desenvolvimento histórico da sociedade brasileira e da disposição da população negra em seu território. A territorialidade e desterritorialidade tem a ver com o poder, e não só causa diferenças regionais, mas também a desigualdade nos acessos a formação cultural e acessos à educação, entendendo assim as universidades brasileiras como mais um espaço/território negado por muito tempo ao povo negro.

Podemos ver no processo do desenvolvimento do Brasil que esses espaços sempre foram negados aos negros. Desde a época colonial até os dias atuais é possível notar a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. (GONZALES,1982.) “Aos dominados são separados os lugares mais instáveis, os levando a exposição de violência policial, precariedade da saúde, educação e transporte. E é por aí que se entende que o outro lugar natural do negro sejam as prisões e os hospícios.” (GONZALES, 1982. p.15).

“As condições de existência material desta população negra remetem a condicionamentos psicológicos que têm que ser atacados e desmascarados. Os diferentes modos de dominação das diferentes formas de produção econômica existentes no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpretação da teoria do “lugar natural” de Aristóteles. Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados.” (GONZALES, 1982, p.15)

Deste modo, os movimentos de resistência negra no Brasil sempre agiram enquanto territórios que construíam e constroem territorialidade e identidade própria. A forma como nós participantes do projeto nos organizamos posteriormente a ele, foi uma maneira de nos organizar e construir territorialidade e identidade própria dentro da universidade.

Assim como os quilombos enquanto formações sociais alternativas, o movimento revolucionário dos Malês, as irmandades (tipo N.S. do Rosário e S. Benedito dos homens pretos), as sociedades de ajuda (como sociedade dos desvalidos de Salvador), o candomblé, a participação em movimentos populares etc., constituíram-se em diferentes tipos de resposta dadas ao regime escravista (GONZALES,1982 p.18).

No período seguido da abolição, o negro buscou se organizar em associações chamadas entidades, estas são consequência direta de uma junção entre o movimento abolicionista e as sociedades de ajuda e de alforria. É em São Paulo que se inicia o processo de integração do negro na sociedade capitalista, sobretudo nos anos 30, sendo o negro da cidade o mais exposto as pressões do sistema capitalista dominante. Esta condição aprofundou mais sua consciência racial. O primeiro movimento ideológico pós-abolição foi a Frente Negra Brasileira (1931-1938) que sintetizava as duas práticas dos dois tipos de entidades negras, o assimilacionismo e a prática cultural (GONZALES, 1982).

O período que se estendeu de 1945 a 1948 caracterizou-se, portanto pela intensificação das agitações intelectuais e políticas dessas entidades, que agora tratavam da redefinição e implantação definitiva das reivindicações da comunidade negra. Segundo Pereira (2008) “o primeiro impulso” da atuação política negra aconteceu em meados da segunda década do século XX, quando surgem os primeiros periódicos dessa Imprensa Negra. Aí sua principal preocupação girava em torno da integração do negro à sociedade, sendo a educação e o bom comportamento vislumbrados como formas de “subir na vida” e aproximar-se do nível dos brancos (Moura, 1988; Pereira, 1999; Valente, 1997).

O Teatro Experimental do Negro (TEN), no Rio de Janeiro, foi a mais alta expressão desse tipo de entidade. Sua posição crítica em face do racismo e suas práticas, seu trabalho concreto de alfabetização, informação, formação de atores e criação de peças que apontavam para a questão racial, significou um grande avanço no processo de organização inaugurando um importante momento de organização da comunidade. (GONZALES, 1982, p.24).

O golpe de 64 implicou numa desarticulação das elites intelectuais negras, e no início dos anos 70 que retoma o teatro negro pela turma do Centro de Cultura e Arte Negra, em São Paulo. No fim da década de 70, os intelectuais negros começam a criar um debate sobre quilombos. Dentre eles, Beatriz Nascimento utiliza o termo quilombo como uma conotação ideológica. Um termo que antes era significado de um lugar físico de fuga, pra onde os escravizados que conseguiam escapar de seus senhores iam, agora passa a ter um outro significado mais amplo.

“ Então, nesse momento, a utilização do termo quilombo passa ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, no sentido de agregação, no sentido de comunidade, no sentido de luta como se reconhecendo homem, como se reconhecendo pessoa que

realmente deve lutar por melhores condições de vida, porque merece essas melhores condições de vida desde o momento em que faz parte dessa sociedade.” (Trecho extraído da transcrição da fala de Beatriz Nascimento no documentário Orí. Nascimento, 2018. p.328)

Desta maneira, quando entendemos quilombo nessa perspectiva, o compreendemos como todo lugar de luta de um indivíduo que agora se reconhece e identifica com outros sujeitos que compartilham das mesmas lutas e vivências, buscam lutar por seus direitos e acima de tudo por seu espaço em sociedade e a legitimação da sua identidade e cultura.

Com a redemocratização diversos movimentos sociais entre estes, o movimento negro, começaram a reivindicar uma posição mais ágil do poder público, ocupando lugar de papel principal no processo da constituinte. Essa participação presente da população negra fez com que fosse possível incorporar ao texto constitucional questões importantes para a concretização de parte de algumas das suas exigências históricas. O que acontecia na virada dos anos 80 para os 90 era uma conscientização e um olhar para o setor político- ideológico, naquele contexto histórico, o problema já não era apenas como se manter vivo, mas também e principalmente, para onde avançar.

“... o que acontecia no seio da militância negra na virada dos anos 80 para os 90 é que... ocorria agora algo diferente do acontecido com os impulsos anteriores, frustrados (...) seja por debilidades internas, seja por conjunturas desfavoráveis. Havia agora um ‘motor’ a impulsionar a luta contra o racismo. Esta já não dependia exclusivamente ‘dos ventos’ – os talentos, a abnegação e a tenacidade de uns poucos militantes -, contava com o amadurecimento da consciência sobre o problema racial em alguns setores da sociedade e a consciência dos instrumentos políticos-ideológicos e institucionais forjados pelo movimento negro. Naquele momento, a questão já não era como se manter vivo, mas como e para onde avançar (...) é possível considerar duas vertentes ou direções deste ‘salto’: para ‘cima’ e para ‘baixo’, respectivamente – para a conquista do poder político/institucional; e para a ampliação da base social do movimento.” (PEREIRA, 2008, p. 68/69).

Fruto dessas participações mais ativas da população negra reivindicando seu espaço ao texto da constituição, são as cotas. As cotas são parte desse despertar para consciência da desigualdade racial em outros setores da sociedade, e a consciência dos instrumentos políticos ideológicos, e da educação como uma maneira de subir na vida. O sistema de cotas no Brasil, se tornou conhecido nos anos 2000, primeiramente pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que foi a

principal e primeira universidade do país a criar um sistema de cotas em vestibulares para cursos de graduação por meio de uma lei estadual de 2001 que determinava 50% das vagas do processo seletivo para alunos saídos de escolas públicas cariocas. Posteriormente a UERJ foi a vez da UNEB, Universidade Estadual da Bahia, em 2003 e da Universidade de Brasília (UnB) que implantou uma política de ações afirmativas para negros em seu vestibular de 2004, medida que se fortaleceu ainda mais com a aprovação da lei nº 12.711, de agosto de 2012, conhecida também como Lei de cotas.

O movimento negro fez a ligação dando um novo sentido aos referenciais históricos simbólicos, estéticos e ao desenvolvimento afro-brasileiro vivenciando-os na sua ação política, e nas suas formulações ideológicas. Sendo assim, a afirmação de identidades vem demarcando espaços de resistência (NASCIMENTO, 2003) e construindo comportamentos novos e instituições, vivendo um processo de construção de identidade autônoma. É aqui que entra essa vontade de construir novas narrativas que estão ligadas tanto ao construir novas imagens e corporeidade, quanto ao construir novos territórios. “A partir desses processos, novas territorialidades são construídas, seja através da reconstrução parcial de velhos territórios, seja por meio da recriação parcial em outros lugares.” (CORRÊA, 1994, p.252).

Estruturando dessa maneira, um novo território negro, e a construção de novos elementos simbólicos de negociação do espaço, a partir das representações elaboradas nos territórios tradicionais, passamos a perceber uma reivindicação espacial, como se agora o corpo negro pudesse ser um corpo que estivesse em todas as esferas. E mais que isso, um corpo que faz uma nova imagem de si, e a partir disso reconstrói sua identidade.

Voltando ao projeto fotográfico, a partir do momento que nos unimos, criamos um laço de amizade, começamos a andar juntas, um novo território já foi formado. Corpos foram percebidos ali naquele espaço em que antes não eram percebidos, depois quando nos organizamos coletivamente, começamos a reivindicar de fato esse espaço da universidade, que também era nosso.

Os movimentos sociais negros contemporâneos vêm realizando procedimentos simbólicos de trazer a discussão de raça de diversas maneiras para a esfera pública, interferindo nas noções de unidade do Estado-nação, e trazendo novas fontes de

resistências ou superação da lógica do capitalismo⁹. Esses procedimentos ganham visibilidade através da intervenção em diversos campos, principalmente a cultura.

Trazendo discussão racial e questionando nosso espaço nas artes, na música, no cinema, na fotografia. Retomando e articulando territórios negros no interior e para além da cidade; cingindo espacialidades e corpos como uma comunidade imaginária de diáspora africana, produzindo um deslocamento da colonialidade para a decolonialidade, da desterritorialidade, para a tomada de territórios, para a partir disso constituir um sujeito negro que conquista sua própria liberdade. Esse termo decolonial faz parte da teoria da colonialidade de poder (QUIJANO,2008) que destaca a continuidade, na era pós-colonial das relações sociais hierárquicas produzidas no colonialismo.

Neste contexto pós-colonial, as mulheres negras surgem como sujeito político, detentoras de um corpo político, reivindicando e questionando o lugar do **gênero** no movimento negro, desvinculando-se e descentrando-se da figura masculina, e o lugar da **raça** no feminismo, tirando do centro a ideia de mulher unitária, e reivindicando as discussões de suas questões nesse espaço. (Brah,2011) A partir de se posicionar “nas margens” de um outro movimento, afim de criar seu território, e de tornar sua luta mais autônoma, atentando para suas próprias necessidades enquanto mulher negra.

As perspectivas feministas ocidentais até pouco tempo deram pouca importância a racialização do gênero, classe e sexualidade. É aqui que queremos chegar. Qual o lugar da mulher negra nessa história toda de luta? O Movimento Negro Unificado (MNU) no Rio de Janeiro, realizava reuniões semanais para elaboração de seus textos, discutir assuntos gerais e também com o fim de confraternização. Chegado certo ponto dessas reuniões, as mulheres passaram a se reunir sozinhas, separadamente para depois todos se reunirem em uma sala maior, onde seriam discutidos os assuntos mais comuns. Obviamente mesmo no MNU havia casos de machismo, pela razão de sentirem intimados com a sensibilidade das companheiras mais brilhantes (Gonzalez, 1982). De qualquer modo, o progresso das mulheres negras dentro do movimento negro carioca marcou sua diferença em relação as outras regiões. No ano seguinte, em 2 de julho de 1975, num encontro de mulheres organizado pela Associação Brasileira de Imprensa, lá estavam aquelas

⁹ O movimento negro não é homogêneo em sua ideologia. Existem diversas vertentes dentro desse movimento social, e nem todos fazem uma luta anticapitalista, algumas vertentes ideológicas buscam participar do capitalismo em “igualdade de condições”.

jovens e valentes mulheres negras, marcando sua posição num importante documento onde diziam:

“O destino da mulher negra no continente americano, assim como de todas as suas irmãs da mesma raça, tem sido, desde a sua chegada, ser uma coisa, um objeto de produção ou de reprodução sexual. Assim, a mulher negra brasileira recebe uma herança cruel: ser não apenas o objeto de produção (assim como o homem negro também o era), mas, mais ainda, ser um objeto de prazer para os colonizadores. O fruto dessa covarde procriação é o que agora é aclamado como o único produto nacional que não pode ser exportado: a mulher mulata brasileira. Mas se a qualidade deste “produto” é tida como alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante, sujo e desrespeitoso” (Gonzalez,1982, p.36)

A prática cotidiana da mulher negra fez dela alguém que sabe que lhe cabe batalhar. Um cotidiano marcado pelo racismo e pelo sexismo, se juntarmos essa prática a uma consciência política, dá para entender porque nesse primeiro momento os homens do MNU ficaram chocados com essa autonomia. (Gonzalez,1982, p.36). Desta forma podemos identificar que as mulheres negras sempre estiveram presentes em toda a história de luta e demarcação de espaços que o movimento negro buscava, sendo que em dado momento, se atentou para as suas especificidades, e passaram a se posicionar e estabelecer seu território como mulher dentro do movimento negro e como mulher e negra dentro do movimento feminista.

Em 2015 quando o projeto fotográfico “Menina mulher da pele preta” nasceu, as mulheres negras alunas da UFRRJ, participantes estavam passando por esse processo de ocupar um espaço que antes não ocupavam, o espaço da universidade, e também no processo de tornar o seu próprio corpo um corpo político, voltando a usar o cabelo natural, muitas estavam no processo do que chamamos “se descobrir enquanto negra” que na verdade, é se redescobrir, já que por muito tempo se colocar num lugar de “morena”, mulata, era mais passível de aceitação do que assumir de fato a negritude. O corpo enquanto corpo político e descolonizado, na perspectiva do feminismo negro, é a compreensão de que as mulheres negras compartilham uma ótica em comum sobre o mundo, um ponto de vista ancorado nas diferenças reunidas em seus próprios corpos que unem dores e as contradições que marcaram historicamente a vida dessas mulheres, se reconhecendo uma na outra, estabelecendo delimitações, colocando o passado sobre o presente e desafiando a relação entre território e poder.

Atualmente, o movimento negro age como unidade analítica e política que se caracteriza por uma variedade nas formas de organização, formas de ação e intervenção social e uma multiplicidade das pautas, como por exemplo, discussão sobre os temas a respeito da prática cotidiana das mulheres negras e também debates acerca da comunidade negra LGTBTS. A partir das entidades de caráter cultural, político, grupos vem formando coletivos dentro de sindicatos, de universidades, como foi o coletivo de mulheres negras da UFRJ- o “Alice Bruno”, fruto do projeto “Menina mulher da pele preta”, que quando começou só contava com a participação das meninas que haviam participado do projeto, mas que posteriormente, contou com novas integrantes, meninas que haviam acabado de ingressar na universidade, outras que já estavam a mais tempo só que nunca tiveram a oportunidade de se mobilizar politicamente.

Então podemos dizer que uma nova territorialidade foi formada através do projeto, a partir da recuperação da imagem e corporeidade, o espaço da UFRJ foi tomado pelas mulheres negras de uma outra forma. Começamos a pensar nossos corpos e o lugar que ocupávamos de maneira que descolonizamos juntas nossos corpos, nosso conhecimento e o espaço para dentro e fora da Universidade. Mudando as narrativas que até agora haviam sido ditas sobre o corpo, imagem e o espaço que a mulher negra deve ocupar.



Figura 11: Algumas das participantes do projeto e parte das fotos que foram expostas. (Fotos: Amanda Sarmento e Lene Gil)

Conclusão

Esta pesquisa mostrou que o projeto “Menina mulher da pele preta” teve um papel fundamental para que as participantes pudessem enxergar uma nova imagem de si, longe dos estereótipos traçados a elas, e partir disso puderam performar seu corpo de outra maneira, tendo uma outra perspectiva sobre sua própria estética e assim desenvolvendo autonomia para ocupar o espaço da universidade de um outro jeito, se unindo e organizando-se politicamente nesse território. Através do projeto fotográfico com as mulheres negras da Rural, foi possível recuperar a identidade através da retomada da imagem, trazer de volta uma imagem positiva do corpo da mulher negra, e da estética dessa mulher. E a partir disso, descolonizar não só o corpo, como também o conhecimento e o espaço.

O que tem acontecido atualmente é mais do que um movimento de tomar espaços é possível perceber criações de territórios alternativos aos tradicionais, formando novas narrativas, deixando de ser objeto de pesquisa para contar a própria história, para relatar a própria imagem e a partir disso ocupar e formar cada vez mais espaços com narrativas próprias. E diante disso questionar as formas de poder, os sistemas de representação que estabelecem as diferenças, as formas que a colonialidade se mostra na atualidade, e o lugar simbólico da mulher negra na sociedade brasileira. E por fim, performar seus corpos no mundo, não ter vergonha dos seus traços, não “domar” seus cabelos, ter autonomia para deixar os estereótipos para trás e ocupar o lugar quiser, numa mudança que começa na corporeidade e vai para além dela, avançando e construindo novos territórios na sociedade brasileira.

Bibliografia:

BAIRROS, Luiza. **ORFEU E PODER: uma perspectiva &o-americana sobre a política racial no Brasil.** [S. l.: s. n.], -.

BARRETO, Raquel de Andrade. **Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez.** Dissertação de Mestrado. Departamento de História da PUC-Rio. 2005.

DAMASCENO, Janaína Damasceno. **O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: O caso da Vênus Hotentote.** Florianópolis: [s. n.], 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador, EDUFBA, 2008.

FLÉMING, Autor: Jefferson de Assis Fléming. **DISCURSO E CORPORALIDADES HIP HOP, NARRATIVAS ESTÉTICAS NEGRAS: ENTRE APAGAMENTOS E AFIRMAÇÕES POLÍTICAS.** NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO BRASILEIROS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (NEAB UNIFESP): São Paulo], 2018.

FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira.** Rio de Janeiro]: Zahar Editores, 1982

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** São Paulo: [s. n.], 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação: [s. n.], 2002

GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro.** Rio de Janeiro: Marco zero LTDA, 1982.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: SILVA, Luís Augusto. ANPOCS, 1983. (ciências sociais hoje, nº 2).

GUIMARÃES, ANTONIO SÉRGIO ALFREDO GUIMARÃES. **ACESSO DE NEGROS ÀS UNIVERSIDADES PÚBLICAS.** [S. l.: s. n.], 2003.

GUIMARÃES, Manoel Luiz lima Salgado. **Nação e civilização nos trópicos: o instituto histórico e geográfico brasileiro e o projeto de uma história nacional. Estudos históricos. Caminhos da historiografia.** Rio de Janeiro, v1, n1, 1988

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: PUC- Rio, 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** [S. l.]:TraduçãoLiv Sovik, UFMG, 2003

HOFBAUER, Andreas. **Raça, cultura e identidade e o “racismo à brasileira”**. [S. l.: s. n.], -.

LÓPEZ, Laura Cecilia. **O CORPO COLONIAL E AS POLÍTICAS E POÉTICAS DA DIÁSPORA PARA COMPREENDER AS MOBILIZAÇÕES AFRO-LATINO-AMERICANAS**. Porto Alegre: [s. n.], 1982

MACHADO, Talita Cabral; RATTS, Alex. **TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DOS MILITANTES DO MOVIMENTO NEGRO NA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA**. Goiânia-GO: [s. n.], 2012.

NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra no mercado de trabalho**. In: ***Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*** / Alex Ratts (org.). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento Quilombola e intelectual. Possibilidades nos dias da destruição**. São Paulo Filhos da África, 2018.

RATTS, Alex. **Os lugares da gente negra: raça, gênero e espaço no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez**. Salvador: [s. n.], 2011

SILVA, Joyce Gonçalves da Silva. **CORPOREIDADE E IDENTIDADE, O CORPO NEGRO COMO ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO**. Salvador BA: UCSal:, 8 a 10 de outubro de 2014.

SILVA, Kátia Karoline Ferreira Silva; NUNES, Cicera. **CORPOREIDADE NEGRA:**

SILVA, Kátia Karoline Ferreira; NUNES, Cicera. **REFLEXÕES DA COR DA PELE E DO CABELO AFRO NO ESPAÇO ESCOLAR¹**. [S. l.: s. n.], -.não tem autor?

TOKITA, Márcia Figueiredo. **Feminismos, sexualidades e marxismos na América Latina**. Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina: [s. n.], 2013

WADE, Peter. **Raça e etnicidade na América Latina**. Ed. Abya Yala, 2000.

SITES:

A juventude negra reivindica a construção de novas narrativas. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/juventude-negra-reivindica-construcao-de-novas-narrativas/>

Como a indústria da fotografia determinou que o ‘normal’ é a pele branca. Link para matéria: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/04/08/Como-a-ind%C3%BAstria-da-fotografia-determinou-que-o-%E2%80%98normal%E2%80%99-%C3%A9-a-pele-branca>

Sobre a construção de novas narrativas: A representação da mulher negra.

Disponível em : <https://www.brasildefato.com.br/2018/07/20/artigo-or-sobre-a-construcao-de-novas-narrativas-a-representacao-da-mulher-negra/>

Territorialidade e identidade: a Mãe das águas. Disponível em:

https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14617/14617_3.PDF